Músculos e armas: o erotismo no corpo masculino nas fotografias de Adi Nes

Aline Ferreira Gomes[1]
DOI 10.20396/eha.vi14.3365

Introdução

Adi Nes é fotógrafo, nascido em 1966 na cidade de Kiryat Gat, ao sul de Israel, atualmente vive e trabalha em Tel Aviv. Sua formação artística se deu nos anos de 1989-1992 no Departamento de Fotografia da Bezalel Academia de Arte e Design em Jerusalém, Israel. Em 1998 faz sua primeira exposição individual fora de Israel, na Melkweg Gallery em Amsterdã. Atualmente o trabalho do fotógrafo tem espaço reconhecido no circuito artístico internacional, Nes é representado pelas galerias Jack Shainman Gallery de New York e Praz-Delavallade em Paris e Los Angeles[2].

Adi Nes escolhe temas diversos e muitas vezes de cunho biográfico. Em *Boys* (2000) e *Youths* (2001), retratou garotos desocupados, atuando em ações de vandalismo ou violência; em *Biblical Stories* (2003-2006), ele recriou cenas da tradição judaico-cristã; para uma encomendada da revista francesa Vogue, Adi Nes produziu *Prisoners* (2003), um ensaio de moda masculina com cenários de prisões; no trabalho intitulado *The Village* (2008-2012), reproduziu uma comunidade agrícola judaica. Entre os anos de 1994 - 2000 o artista produziu *Soldiers*, que se centra no universo militar; esta série é o objeto central dete texto.

O trabalho de Adi Nes se caracteriza pelo uso apurado de elementos técnicos: luz, cor e ângulos são trabalhados de modo meticuloso e o resultado dessa preocupação com aspectos técnicos produzem muitas cenas com caráter teatral e cinematográfico. Elementos não só perceptíveis na visualidade fotográfica como também afirmados pelo próprio artista:

> The style of my photography is staged and my pictures are products of complicated choreography [...] for me to produce a show of about 15 pictures takes me about four years. I don't usually photograph too much each year, but I am very busy researching and preparing – just as happens in the film industry. The amount of time needed to frame each shot isn't

1 Estudante de doutorado em História da Arte pela Universidade Estadual de Campinas. Pesquisa com fomento da **Fapesp**.

2 Em 17 de dezembro de 2013, a obra conhecida como *The Last Supper* (s.d.) foi arrematada por 377 mil dólares. Informação disponível em: https://www.sothebys.com/en/auctions/ecatalogue/2013/israel-art-n09059/lot.110.html?locale=en#. Acesso em: 20 dez. 2019.

> great because I already arrive at the set after having taking numerous preparatory pictures and I know exactly what I'm looking for.[3]

Durante a década de 1990, quando Israel se aproximou do seu quinquagésimo aniversário, um novo ceticismo surgiu em relação a suas lendas culturais. O país deixava de ser uma terra de idealismo sionista e uma onda cosmopolita em expansão parece ter se alojado na nação. Cada vez mais, israelenses se perguntavam se o país era, como seus fundadores acreditavam, uma espécie de bom garoto em um bairro ruim ou um *bad boy* reprimindo cruelmente os palestinos. A partir disso, jovens artistas de Israel, Nir Hod[4] e o músico Aviv Geffen[5], passaram a questionar a posição do próprio país, expressando abertamente suas posturas dissidentes. O serviço militar obrigatório e também os papéis convencionais de gênero, foram importantes temas de embate para essa geração de artistas, assuntos tradicionalmente submergidos pelo dever patriótico da cultura israelense[6].

Partindo desse cenário político-cultural, a produção de Adi Nes surge no cenário artístico. Nes conjunga referências do cânone da história da arte com elementos contemporâneos da cultura israelense. O uso de impressões em grande escala[7] também condiciona o observador aos impactos de sua habilidade em tratar minuciosamente os aspectos técnicos da fotografia, além de evidenciar aspectos dramáticos das cenas.

Soldiers

Soldiers é uma série composta por 22 fotografias realizadas por Adi Nes durante o período de 1994 a 2000. Atualmente, este trabalho faz parte do acervo permanente do Museu de Israel. Como o título anuncia, o universo militar é o grande tema. O assunto se insere na biografia do artista, que

3 Afirmação feita por Adi Nes em entrevista realizada pelo pesquisador Leonardo Feder: FEDER, Leonardo. **Em busca de um olhar judaico**: análise das séries fotográficas Histórias Bíblicas, de Adi Nes, Marcados, de Cláudia Andujar, e Crisálidas, de Madalena Schwartz. 2013. Dissertação (Mestrado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/D.8.2013.tde-02082013-121733. Acesso em: 08 set. 2019, p. 255.

4 O artista israelense Nir Hod (1970-), vive em Nova York, embora tenha explorado diversos suportes artísticos - escreveu poesia, trabalhou como fotógrafo, cinegrafista, músico e escultor - ele é mais conhecido como pintor. Estudou na Academia Bezalel em Jerusalém e na Cooper Union em Nova York, Hod começou a pintar flores, auto-retratos que abraçavam a androginia, e pinturas hiper-realistas, mas surreais inspiradas por fotografias históricas. Seu trabalho tem sido o objeto de exposições há mais de duas décadas, incluindo uma exposição no Museu de Arte de Tel Aviv e exposições individuais no Jack Shainman em Nova York e na Galeria Michael Fuchs em Berlim, para mais informações Cf. http://www.nirhod.com/

5 Aviv Geffen (1973-) músico e compositor israelense, foi e é extremamente popular entre os jovens israelenses que da década de 1990. Suas músicas abordam temas como amor, paz, morte, suicídio, política e o exército (em particular, as Forças de Defesa de Israel).

6 A pesquisadora Noa Roei também aponta que a Guerra dos Seis Dias (1967) e a Guerra Yom Kippur (1973) marcaram de maneira traumática a memória coletiva israelense, que esses dois eventos também contribuíram significativamente para a mudança no olhar sobre a instituição militar nessa sociedade. ROEI, Noa. Civic Aesthetics: Militarism, Israeli Art and Visual Culture. Londres: Bloomsbury Academic, 2017, p.18-19

7 Por exemplo, a fotografia de Adi Nes conhecida como *Last Supper* possui as dimensões de 89,7 por 145.1 cm.

prestou serviço militar e foi controlador do tráfego aéreo por cerca de três anos. Nes opera minuciosamente sobre suas composições buscando subverter a imagem tradicional de um combatente, onde o soldado é frequentemente representado como um objeto de reverência, corajoso e confiante, figura que demonstra qualidades para enfrentar o maior perigo de todos: o risco de morrer em batalha.

Talvez a fotografia mais impactante da série seja a recriação do afresco de Leonardo da Vinci, *A última ceia* (1495-1498). Na versão do pintor renascentista, a composição com 13 homens retrata o momento em que é revelada a Jesus a traição de um dos apóstolos. Já na versão de Adi Nes (fig. 01), a cena é situada em um quartel abandonado, mostrando 14 soldados reunidos em uma mesa posta com copos e pratos de tons alaranjados que, não por acaso, é a cor da louça oficial do exército israelense. O décimo quarto homem é o soldado em pé, posicionado no canto esquerdo da imagem. Seu olhar se direciona para algo além da movimentação em torno da mesa, além do espaço da fotografia. Ao aproximarmos a imagem do seu uniforme, é possível perceber uma inscrição em amarelo, logo acima do bolso esquerdo da camisa. As letras correspondem à abreviação de Forças de Defesa Israelenses: *Ztva Hagana Le-Israel*[8], o décimo quarto soldado é o único que possui tal inscrição. Considerando o suporte fotográfico, é importante observar a escolha do artista ao reproduzir sua fotografia em dimensões maiores que o usual. Tal escolha remete diretamente aos quadros do cânone da história da arte, em especial as chamadas pinturas históricas.

Adi Nes modifica a tensão presente no quadro de Da Vinci, construindo um ambiente descontraído: os soldados-discípulos estão imersos em conversas privadas, com exceção do homem ao centro – curiosamente tem sua cabeça envolta por um arbusto que compõe a paisagem do segundo plano, formando uma espécie de auréola – que olha vagamente para um horizonte imaginário. Seu olhar introspectivo é semelhante ao personagem central do afresco do século XV. No caso da cena militar israelense, seria possível imaginar que o Cristo-soldado estaria preocupado com a vida bélica no Oriente Médio. De qualquer maneira, os buracos de balas na parede, a fumaça do cigarro e a maçã mordida são símbolos de transitoriedade, lembrando que essa pode realmente ser a última ceia desses homens. O fotógrafo se junta ao grupo diverso de artistas que reinterpretaram a famosa cena de Leonardo. No entanto, sua adaptação desloca a fábula bíblica para um tempo contemporâneo, provocando conotações como fraternidade, lealdade, heroísmo e a certeza da morte.

Continuando as referências ao cânone da história da arte, Adi Nes revisita a iconografia da

8 ROEI, 2017, p. 38.

Pietá (fig. 2). Colocando os soldados na mesma posição que Jesus e Maria, o fotógrafo atenua a mortalidade de jovens nos conflitos armados. O homem, que faz o papel da Virgem, olha para o corpo desfalecido que repousa em seu colo, ao mesmo tempo em que sustenta na mão esquerda um pincel. Ao lado do corpo do jovem deitado se encontra o estojo com tonalidades que simulam a coloração do sangue e da pele do modelo. Assim, por meio desses dois objetos, o observador recebe a indicação de que os ferimentos são artificiais. O gesto da mão do soldado-Maria até poderia evocar a mão de São Tomé, mas o pincel revela o Jesus-soldado moribundo como a criação de sua mãe-soldado. Em vez de uma prova da verdade, chagas se tornam fantasia.

Mais uma vez a reinterpretação de Adi Nes se soma a outros trabalhos artísticos que citam o episódio bíblico. No período da segunda Guerra Mundial, Hollywood explorou cenas de soldados morrendo ou sendo carregados aos modos da composição da Pietá: *The North Star* (A Estrela do Norte) de 1943, *Edge of Darkness* (Revolta!) de 1943, *Song of Russia* (Canção da Rússia) de 1944, *None Shall Escape* (Ninguém Escapará ao Castigo) de 1944 e *Back to Bataan* (Espírito Indomável) de 1945, são alguns exemplos. No entanto, Nes parece flertar também com elementos importantes do foto-jornalismo de guerra, onde a premissa é que a imagem capturada advém de um indício do real. O fotógrafo subverte o gênero: ao invés de produzir um registro que refletisse algum aspecto da realidade, ele revela as ferramentas que simularam os ferimentos no corpo do soldado, tornando-as uma ficção, questionando, portanto, a produção da cobertura midiática dos conflitos bélicos: o que poderia ser fato e o que seria apenas criação?

A analogia de Nes entre as cenas cristãs e a realidade militar israelense transmite uma mensagem política sobre compromisso e sacrifício. Como os apóstolos de Cristo, os soldados são discípulos de uma ideologia, um poder mais forte do que eles. No entanto, também são vítimas de uma constelação geopolítica sobre a qual não possuem controle.

É de conhecimento geral que registrar a vida militar não é pioneirismo de Adi Nes. Lembro do trabalho do artista americano Winslow Homer (1836-1910) que registrou em gravuras e quadros a Guerra Civil Americana (1861-1865). Muitos desses registros foram publicados na revista ilustrada *Harper's Weekly Illustrated*. Homer foi correspondente da guerra para a revista e testemunhou desde eventos violentos – uma carga de baioneta e cirurgiões trabalhando durante o campo de batalha – até a vida cotidiana nos campos. Algumas das ilustrações mais pungentes de Homer retratam momentos descontraídos: homens abrindo caixas de Natal, no jantar de Ação de Graças ou jogando

[Figura 01]
NES, Adi. Sem Título, da série Soldiers, 1999.
Fotografia, 90 x 144 cm. Acervo: The Israel Museum, Jerusalém.

[Figura 02]
NES, Adi. Sem Título, da série Soldiers, 1994-2000.
Fotografia.

[Figura 04] NES, Adi. Sem Título, da série Soldiers, 1994-2000.
Fotografia, 90 x 144 cm. Acervo: The Israel Museum, Jerusalém.

[Figura 03] NES, Adi. Sem Título, da série Soldiers, 1994-2000.
Fotografia, 90 x 144 cm. Acervo: The Israel Museum, Jerusalém.

futebol no acampamento militar.[9] Apesar destas cenas menos heroicas, o artista prezou por imagens que reforçam uma certa dignidade nos papeis desempenhados por esses combatentes. A título de exemplo cito os quadros: *Defiance: Inviting a Shot before Petersburg* (1864)[10] que apresenta um soldado sozinho no topo de uma trincheira desafiando os inimigos ou *Sharpshooter* (1863)[11], cena que descreve um atirador de elite escondido no alto de uma árvore pronto para atirar. Apesar da distância temporal, tanto o fotógrafo israelense como o pintor americano buscaram explorar a própria vivência pessoal na apresentação do campo de batalha. Certamente os suportes artísticos distintos influenciaram na composição iconográfica, mas possuem olhares distintos sobre o a instituição militar.

Ao invés do heroísmo, Adi Nes explora em *Soldiers* aspectos menos gloriosos. A figura 3, por exemplo, se concentra na fragilidade dos soldados. O registro é do momento em que os rapazes dormem dentro de um ônibus. Os combatentes com as cabeças inclinadas no encosto dos bancos demonstram que se encontram em sono profundo, nem a luminosidade, nem a arma carregada pelo companheiro em pé, conseguem retirá-los do estado de inconsciência. Adi Nes expõe ao observador um momento vulnerável e destitui qualquer signo de heroísmo aos personagens retratados.

O tema se repete em outra fotografia (fig. 4). Agora o soldado dorme em uma cama. Ele veste uma camisa militar e os botões abertos exibem partes do peito e abdômen. Os braços estão inertes, a mão direita repousa sobre o ventre enquanto o braço esquerdo cai para fora da cama. Embora o soldado simule um estado de entrega, há uma certa artificialidade na cena, não se encontra um colchão para repousar o corpo e, tampouco há um travesseiro, no lugar se encontra uma mochila e um amontoado de objetos que servem como apoio para a cabeça. O recorte fotográfico limita a visão do observador, privilegiando a parte superior do soldado. No segundo plano, o fundo escuro é interrompido pela porta aberta que produz uma luminosidade caravaggesca no ambiente. A luz se direciona especialmente sobre o rosto do modelo. A composição remete a cenas frequentes de indivíduos em estados de sonolência ou no momento de morte: o *Marat*[12] de David, o sono eterno

9 Todas as gravuras de Winslow Homer publicadas na revista *Harper's Weekly Illustrated* estão disponíveis na página da galeria de arte da Universidade de Yale. Disponível em: https://artgallery.yale.edu/overall-search/winslow%20homer%20wood%20engraving?page=4&f%5B0%5D=type%3Acollections_object. Acesso em: 21 dez. 2019.

10 Acervo: Detroit Instituto d Art, EUA. Disponível em: https://www.dia.org/art/collection/object/defiance-inviting-shot-petersburg-48260. Acesso em: 20 dez. 2019.

11 Acervo: Portland Museum of Art, Maine-EUA. Disponível em: http://collections.portlandmuseum.org/Obj4775?sid=325&x=12205. Acesso em: 20 dez. 2019.

12 *La Mort de Marat* (A Morte de Marat),1793, de Jacques-Louis David. Óleo sobre tela, 165 cm × 128 cm. Acervo: Musées Royaux des Beaux-Arts, Bélgica.

de Endimião que Girodet[13] soube retratar de modo tão sensual nos traços anatômicos de um corpo nu masculino banhado pela luz da lua. Ou até mesmo o desfalecimento da moça na cena de Edvard Much em *The Day After* (1894 - 1895)[14], na qual a mulher se encontra totalmente tomada por uma possível ressaca, hipótese reforçada pelas garrafas na mesa do primeiro plano. Na mitologia ou nos contos de fadas, o mundo onírico pertence aos jovens e belos. No entanto, não resta dúvidas que dormir é um dos momentos mais vulneráveis para um soldado em ambiente de guerra.

Contudo, não é somente durante o sono que um soldado baixa a guarda. É o que se evidencia quando Adi Nes fotografou quatro soldados urinando (fig. 5). Estão todos de costas para o observador, posicionados entre si com uma certa distância simétrica, o que confere organização espacial à composição. A paisagem é árida, como disse o próprio fotógrafo: "no meio do nada"[15], o solo é coberto por pedregulhos de tom ocre que contrasta com a tonalidade azul do céu. Suas cabeças se inclinam levemente para o solo, o gesto lembra o comportamento dos banheiros masculinos, desses com mictórios que permitem que o momento de urinar seja quase um gesto coletivo. Todavia, ao contrário dos mictórios, urinar na terra remete ao gesto animalesco de demarcar territórios, deixar uma marca.

Todas as cenas de *Soldiers* são criações de Adi Nes, como apontado na introdução. As situações são meticulosamente orquestradas e seus soldados agem como atores em um cenário cinematográfico. Tais elementos aparecem mais destacados na fotografia do soldado que caminha na estrada. (fig. 6). O modelo segue em direção oposta à do observador. Vestindo uniforme militar, ele se destaca no cenário escuro. O feixe de luz, que possui o formato dos holofotes dos palcos, incide apenas no soldado. Um observador menos atento poderia perfeitamente sugerir que a imagem se tratasse de um frame de algum musical hollywoodiano. Apesar do uso dos elementos do cinema, a narrativa é pouco conclusiva e o momento apenas revela que o soldado caminha no meio de uma estrada asfaltada. Seus passos seguem exatamente o caminho da faixa de sinalização. os braços levantados até a altura dos ombros, com um horizonte escuro e uma mochila no ombro direito. O gesto corporal é leve. Um caminhar dançante em direção a lugar nenhum insinua uma certa liberdade e até indisciplina para um corpo que deveria seguir a rigidez de uma marcha.

---

13 *Endymion. Effet de lune*, ou *Le Sommeil d'Endymion* (O sono de Endimião), 1793 de Anne-Louis Girodet de Roucy-Trioson. Óleo sobre tela, 198 x 261 cm. Acervo: Musée du Louvre, Paris.

14 *Dagen derpå* (The Day After), 1894 – 1895, de Edvard Munch (1863-1944), óleo sobre tela, 115 x 152 cm. Acervo: National Gallery of Norway, Oslo, Noruega.

15 "In The Soldiers series, I staged a photograph of soldiers urinating in the middle of nowhere." NES, Adi. Interview. [Entrevista cedida a] Lyle Rexer, **Photograph Magazine**: New York, set./out. 2019. Disponível em: https://photographmag.com/issues/septoct-2019/interview/. Acesso em: 28 dez. 2019.

Além das referências aos quadros icônicos da história da arte, Adi Nes também aborda momentos importantes da história militar israelense. Em uma das fotografias (fig. 7), refaz a cena conhecida registrada por um soldado, Micha Perry, em 1949[16]. A cena de Perry captura o momento em que soldados erguem uma bandeira sobre a cidade de Eilat, no Mar Vermelho. Mas em 1945, o fotógrafo americano Joe Rosenthal já havia registrado cena muito equivalente a fotografia de Perry: fuzileiros navais também erguendo uma bandeira, neste caso a americana, em Iwo Jima[17]. Na versão de Nes, no entanto, a bandeira da Estrela de David está claramente ausente. Retirando a bandeira o fotógrafo essencialmente coloca o mastro em destaque. O mastro que poderia ser uma alusão ao falo, permite construir inter-relações entre dever patriótico, formação de estado e desejo masculino pelo mesmo sexo. A instalação do falo é um meio de reivindicar a terra, marcar território, agora não mais pela urina como na fotografia anterior.

Outra fotografia de Adi Ness referencia a famosa capa da revista Life do soldado Yossi Ben Hanan comemorando a vitória na Guerra dos Seis Dias de 1967, brandindo seu rifle, nas águas do canal de Suez. Na versão atualizada de Nes (fig. 8), cinco soldados musculosos brincam juntos em uma piscina de água escura, irradiando um glamour satisfeito que parece mais Hollywood do que Terra Santa. A celebração aquosa ocorre sob a superfície. O círculo de homens se aperta firmemente enquanto o belo protagonista – barbeado, com o cabelo penteado e o rosto tão luminoso – sustenta a arma que ele pode exibir publicamente acima da superfície da água

Em outra fotografia de *Soldiers* (fig.9), o corpo masculino é explorado com mais evidência. A cena retrata um soldado sem camisa. O modelo veste botas e calça militares, faz uma pose típica das competições de halterofilistas, lembrando as poses dos fisioculturistas do século XIX como Eugene Sandow (1867-1925), por exemplo[18]. Exibindo ao máximo que pode todos os volumes dos músculos que compõem tronco e braços. Embora se apresente com o tronco nu, o soldado não retirou seu quipá. Novamente, é perceptível a preocupação do artista com os elementos composicionais da foto: a linha que se estende da tenda até o solo, acompanha paralelamente a perna esquerda do soldado; a iluminação artificial incide sobre o modelo e projeta sua sombra na superfície da tenda; ao fundo, um céu de cores idílicas. As calças, botas, placa de identificação e a tenda identificam o homem como soldado, enquanto o quipá o caracteriza como judeu. Ainda, a pose remete às esculturas da

16 PERRY, Micha. **Raising of the Ink Flag**, at Eilat, 10 mar. 1949. Acervo: National Photo Collection, Israel.
17 ROSENTHAL, Joe. Raising the flag on Iwo Jima,1945. Acervo: National Gallery of Victoria, Melbourne.
18 Refiro-me especificamente a fotografia de Eugene Sandow, datada de 1893. Disponível em: https://www.britannica.com/biography/Eugen-Sandow#/media/1/522165/76102. Acesso em: 28 dez. 2019.

[Figura 05] NES, Adi. Sem Título, da série Soldiers, 1994-2000.
Fotografia.

[Figura 06] NES, Adi. Sem Título, da série Soldiers, 1994-2000.
Fotografia.

[Figura 07] NES, Adi. Sem Título, da série Soldiers, 1994-2000.
Fotografia.

[Figura 08] NES, Adi. Sem Título, da série Soldiers, 1994-2000.
Fotografia.

[Figura 09] NES, Adi. Sem Título, da série Soldiers, 1994-2000.
Fotografia.

cultura clássica e a auto-adoração narcísica reforça a artificialidade da cena. De alguma maneira, esses elementos perturbam o estereótipo do jovem judeu do século XIX, cuja imagem comum era de um jovem inseguro, fraco e covarde.

Considerações Finais

O pesquisador americano Kirk Savage, em seu trabalho *Standing soldiers, kneeling slaves: race, war, and monument in nineteenth-century America*, aponta que há uma espécie de tradição na apresentação de soldados em monumentos públicos em solo americano, na segunda metade do século XIX. Segundo Savage, essas esculturas exibem soldados "francos, nobres e corajosos, de preferência soldados de infantaria que se posicionam em pé[19] e segurando um rifle"[20]. Ora, quando Adi Nes escolhe enfatizar a juventude dos soldados, exibindo-os em um ambiente pueril, com características que transitam entre a inocência e o desencantamento, está justamente se afastando dessa iconografia tradicional apontada por Savage.

As composições de Adi Nes exploram momentos banais do universo militar: soldados dormindo, comendo, se divertindo, etc. Ele subverte gestos e ações que se esperaria de um soldado, na medida em que exibe homens fortes com vestes militares atuando como atores: eles fazem acrobacias, imitam um equilibrista na corda bamba, brincam na água e adormecem. A ausência de cenas de conflitos ou de violência confere uma masculinidade distante do que tradicionalmente se projeta para combatentes. Mesmo nas fotos em que os modelos portam armas, as composições se afastam de uma virilidade bélica, seu interesse está em exibir a relação íntima entre os soldados. Há intimidade onde não deveria existir. A troca de olhares, os sorrisos, os corpos que se tocam, é onde Adi Nes consegue construir um ambiente de sedução. Lembro que historicamente o Exército é uma instituição predominantemente masculina, bastante fechada que exalta a força física e os valores viris. Platão escreveu que um exército composto por casais de amantes seria indestrutível porque um teria vergonha de mostrar-se covarde diante do outro. A produção de Adi Nes flerta com essa

19 Certamente há muitos exemplos de representações artísticas de soldados em combate, feridos ou morrendo. Cf. TROYANSKY, David G., Monumental Politics: National History and Local Memory in French Monuments aux Morts in Department of Aisne since 1870. In: **French Historical Studies 15**, 1987, p. 121-41; SHERMAN, Daniel J., Art, Commerce, and the Production of Memory in France after World War I. In: GILLIS, John R. (ed.). **Commemorations**: The Politics of National Identity. Princeton: Princeton University Press, 1994, p. 186 - 211. No entanto, Savage afirma que essas representações são menos comuns: "Only occasionally does the common soldier appear as a combatant, and even more rarely does the soldier's figure carry any of the marks of war's calamity—rents in the uniform or physical abrasions to the body or even signs of fatigue." SAVAGE, Kirk. **Standing soldiers, kneeling slaves**: race, war, and monument in nineteenth-century America. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2018, p.164.

20 SAVAGE, 2018, p. 163-164.

ideia de relações entre homens que ultrapassam a camaradagem. O desejo erótico é refletido no corpo, mas Adi Nes elabora jogos complexos de erotismo, estes talvez necessários quando se trata da cultura masculina militar, onde o erotismo no homem só poderia existir de maneira clandestina.

Referências Bibliográficas

FEDER, Leonardo. **Em busca de um olhar judaico**: análise das séries fotográficas Histórias Bíblicas, de Adi Nes, Marcados, de Cláudia Andujar, e Crisálidas, de Madalena Schwartz. 2013. Dissertação (Mestrado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GILLIS, John R. (ed.). **Commemorations**: The Politics of National Identity. Princeton: Princeton University Press, 1994.

NES, Adi. Interview. [Entrevista cedida a] Lyle Rexer, **Photograph Magazine**: New York, set./out. 2019. Disponível em: https://photographmag.com/issues/septoct-2019/interview/. Acesso em: 28 dez. 2019.

ROEI, Noa. **Civic Aesthetics**: Militarism, Israeli Art and Visual Culture. Londres: Bloomsbury Academic, 2017.

SAVAGE, Kirk. **Standing soldiers, kneeling slaves**: race, war, and monument in nineteenth-century America. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2018.